



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

TRAVESTI, TERRITORIALIZAÇÃO E CORPO: PERFORMANCES NARRATIVAS SOBRE A RESISTÊNCIA NO BAIRRO “BENFICA”, EM FORTALEZA-CE

TRANSVESTITE, TERRITORIALIZATION AND THE BODY: NARRATIVE PERFORMANCES ABOUT RESISTANCE IN THE “BENFICA” NEIGHBORHOOD, IN FORTALEZA-CE

TRAVESTIDO, TERRITORIALIZACIÓN Y EL CUERPO: ACTUACIONES EL RELATO ACERCA DE EL RESISTENCIA EM EL VECINDARIO “BENFICA”, EN FORTALEZA-CE

David Alves dos Santos

Nilson Almino de Freitas¹

Artigo recebido: 06/06/2024

Artigo aceito: 24/10/2024

RESUMO

O artigo faz reflexões sobre o corpo travesti e a performance narrativa construída a partir da fala de cinco interlocutoras do bairro Benfica, localizado na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. O foco será a discussão entre identidade, territorialização, corpo e gênero, envolvendo memórias, conflitos e tensões cotidianas nas ruas do bairro. Entendemos que a discussão a ser posta é que o processo performático de territorialização, a partir dos corpos travestis, nos traz necessidade de superação de binarismos de gênero e denuncia o preconceito proveniente da sociedade patriarcal e heteronormativa que ainda vivemos. A trajetória das travestis e o processo de territorialização chama atenção para a necessidade de construção de uma cidadania plena na qual as diferenças possam conviver com maior harmonia e respeito. Apesar do preconceito e da violência cotidiana sobre seus corpos, as travestis resistem e dão exemplo de crítica de superação de um conceito de humanidade que impõe uma padronização forçada que desconsidera a diversidade.

Palavras-chave: Identidade. Territorialização. Corpo. Travesti. Gênero.

¹ Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará -PROPGEO/UECE e do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional na Universidade Estadual Vale do Acaraú - PROFSOCIO/UVA. Bolsista de Produtividade CNPq (PQ2). E-mail: nilsonalmino@hotmail.com ORCID: 0000-0003-0324-3131.

ABSTRACT

The article reflects on the transvestite body and the narrative performance built from the speech of five interlocutors from the Benfica neighborhood, located in the city of Fortaleza, in the state of Ceará. The focus will be on the discussion between identity, territorialization, body and gender, involving memories, conflicts and daily tensions in the streets of the neighborhood. We understand that the discussion to be posed is that the performative process of territorialization from transvestite bodies brings us the need to overcome gender binarisms and denounces the prejudice arising from the patriarchal and heteronormative society that we still live in. The trajectory of transvestites and the process of territorialization draws attention to the need to build a full citizenship where differences can coexist with greater harmony and respect. Despite prejudice and everyday violence against their bodies, transvestites resist and set an example of criticism of overcoming a concept of humanity that imposes a forced standardization that disregards diversity.

Key words: Identity. Territorialization. Body. transvestite. Gender.

RESUMEN

El artículo reflexiona sobre el cuerpo travestido y la performance actuaciones construida a partir del discurso en cinco interlocutores del barrio Benfica, ubicado en la ciudad de Fortaleza, en el estado de Ceará. El foco estará en la discusión entre identidad, territorialización, cuerpo y género, involucrando memorias, conflictos y tensiones cotidianas en las calles del barrio. Entendemos que la discusión a plantear es que el proceso performativo de territorialización desde los cuerpos travestis nos trae la necesidad de superar los binarismos de género y denuncia los prejuicios provenientes de la sociedad patriarcal y heteronormativa en la que aún vivimos. La trayectoria de las travestis y el proceso de territorialización llama la atención sobre la necesidad de construir una ciudadanía plena donde las diferencias puedan convivir con mayor armonía y respeto. A pesar de los prejuicios y la violencia cotidiana contra sus cuerpos, las travestis resisten y dan ejemplo de crítica a la superación de un concepto de humanidad que impone una normalización forzada que desprecia la diversidad.

Palabras clave: Identidad. Territorialización. Cuerpo. Travestido. Género.

INTRODUÇÃO

Este artigo traz reflexões a respeito da construção do corpo travesti e sua performatividade narrativa, a partir do trabalho de campo realizado entre agosto de 2022 a dezembro de 2022 no bairro Benfica, na cidade de Fortaleza, capital do estado brasileiro do Ceará. Vamos destacar a relação entre identidade, território, corpo e gênero, a partir dos conflitos transfóbicos anunciados nas narrativas das travestis.

TRAVESTI, TERRITORIALIZAÇÃO E CORPO: PERFORMANCES NARRATIVAS SOBRE A RESISTÊNCIA NO BAIRRO "BENFICA", EM FORTALEZA-CE

Revista Homem, Espaço e Tempo, n° 18, volume 1, p. 62-81. - ISSN: 1982-3800



Optamos por dar nomes fictícios para cada uma das interlocutoras a fim de personalizar as entrevistadas, ao mesmo tempo em que preservamos a integridade moral e física delas, já que convivem cotidianamente com o preconceito e com a violência, tanto simbólica, quanto corporal. Iremos utilizar a nomenclatura da flora cearense com intuito de compreender que cada nome teria relação com características marcantes da personalidade de cada uma, atribuindo sentidos para seus corpos e afetos. Queremos demonstrar que não se trata de uma pesquisa sem simbolismo e história. Acreditamos que os sujeitos aqui possuem importância fundamental na construção desse conhecimento. O critério aqui utilizado parte da premissa das adversidades que a flora do Ceará passa e, mesmo assim, torna-se símbolo de resistência, força e riqueza, semelhante aos atributos das travestis entrevistadas. São eles: Buriti, Urucum, Aroeira, Jatobá e Carnaúba.

Carnaúba é a árvore da vida e símbolo do Estado. A travesti que ganha esse nome representa exatamente isso para as outras travestis, por ser a mais velha e experiente entre elas. Por esse motivo, acaba se tornando a madrinha da maioria, figura marcante e de espírito protetor. Já outra travesti vai se chamar Urucum, por ter cabelos avermelhados assim como a própria fruta e por se mostrar alegre e vibrante.

No que se refere ao nome Jatobá, a árvore é conhecida por seus frutos duros e sua madeira resistente. A entrevistada também se mostrou reluzente e demorou um pouco até que se sentisse mais à vontade. As adversidades da vida a deixaram mais “casca grossa” com o resto das pessoas. Aroeira será o nome dado para mais uma travesti por se tratar de uma planta medicinal. Isso lembra a personalidade da nossa entrevistada, de espírito livre e calmo. É a que faz tudo no albergue que mora, com as demais, e conhece muito bem uma variedade de plantas. Por fim, a Buriti, que é amável e doce, deixando florescer toda sua personalidade, assim como a planta típica do Estado que se desenvolve o ano inteiro.

Essas analogias são importantes para o debate sobre identidade, território, corpo e gênero, incluindo os conflitos transfóbicos, pois nos levam a compreender melhor uma cultura androcêntrica e extremamente patriarcal a partir de narrativas criadas por pessoas que possuem subjetividades específicas. Buscamos ir além da ideia de gênero como polarização pautado no binarismo homem e mulher, entendendo os variados corpos a partir de uma construção sociocultural estruturante de identidades plurais. A temática, aqui referenciada, surgiu a partir de demandas sociais, morais, políticas, culturais e ideológicas hegemônicas que, a todo custo, buscam impor a manutenção de uma sociedade heteronormativa. Ainda

vivemos em uma comunidade que legitima um discurso hegemônico, colocando o sexo biológico como natural e o gênero sendo impulsionado para um binarismo cristalizado.

No trabalho de campo, o pesquisador é um dos actantes envolvidos, portanto, aciona performances individuais para provocar e buscar determinados objetivos de pesquisa. Não tem total segurança se vai alcançar esses objetivos, mas promove agências nesse sentido. Consequentemente, a maneira como enxerga a realidade é fruto de um processo de diálogos que estabelecemos com todos os actantes envolvidos, sejam humanos ou não humanos. É via de mão múltipla, na qual o investigador e investigado tentam trabalhar em conjunto na construção de um olhar potencializador a partir da apreensão colaborativa construída no ato da relação com diversos elementos. O texto final é editado pelo pesquisador, mas, não podemos deixar de considerar que o pesquisador foi afetado de alguma forma pela experiência compartilhada com os demais actantes, o que configura uma parcela considerável de colaboração de todos.

De fato, as lembranças são redefinidas pelos códigos negociados entre os interlocutores, visando atender a determinados interesses envolvidos na negociação. A narrativa é situada no tempo e espaço próprio à narração. Nesse caso, o mais importante é o não dito, ou seja, os elementos não explícitos na fala que são agenciados para criação da narrativa. Para isso, o pesquisador deve se alimentar de outras fontes, teóricas, primárias e vivências práticas para saber interpretar. O diário de campo é útil para isso. Serviu não só para registro das narrativas, de acordo com os limites e possibilidades de apontamentos do pesquisador, mas também para anotação de experiências pessoais vividas no trabalho de campo com as travestis.

Entretanto, é preciso admitir e reconhecer que o pesquisador não busca falar, ocupar ou usurpar a fala das travestis. Neste artigo, as consideramos sujeitas construtoras de sentido na pesquisa. O pesquisador expressa a forma como foi afetado nessa experiência compartilhada, entendendo que também colaborou para a construção da narrativa aqui exposta, pensando o tema proposto para o artigo. Por questões de ética, de respeito à autoria da narrativa, de preservação de um acordo firmado com as interlocutoras, usou-se Carta de Cessão de Direitos, formalizando a cessão para o Laboratório de Geografia Cultural do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, que vai servir de acervo para novas pesquisas sobre o tema.

Queremos evidenciar a importância do olhar científico geográfico que foi gerado a partir da construção do trabalho de campo, nas entrevistas com as travestis residentes do

bairro Benfica na cidade de Fortaleza. Desde já, as falas sobre suas trajetórias perpassam pelas temáticas de gênero, corpo e território, possibilitando profundamente a construção desta pesquisa. As falas, pensando nesses temas, acabam desembocando na reflexão sobre identidade, conceito fundamental para entendermos o processo de territorialização do corpo travesti. É o que vamos explorar inicialmente.

GÊNERO E SUAS RELAÇÕES

Na sociedade patriarcal e heteronormativa em que vivemos, criam-se várias expectativas, deveres e papéis que cada indivíduo deve cumprir em relação ao seu sexo biológico. De acordo com Soares (2015) as relações de gênero transformam seres biologicamente machos e fêmeas em homens e mulheres, em seres sociais. As travestis fazem exatamente isso: buscam, através de suas singularidades, um estudo pela sua essência. Essas construções através do sexo biológico se dissipam de sentido, ganham outros contornos e atravessam o binarismo, maculando o sentido original de cada termo relacionado ao gênero. Isso repercute nos espaços geográficos que ocupam em diferentes temporalidades de sua vida individual.

Acontece que a categoria gênero não pode ser pensada apenas relacionada ao masculino ou feminino. Esse binarismo é estendido a uma definição universal e naturalizada do conceito dentro do campo semântico. Justamente porque sua concepção é uma construção social, não biológica. O biológico pode ser resignificado, de acordo com saberes e práticas corporais socialmente construídas. Como nos informa Jesus (2012): “Gênero vai além do sexo: o que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente.” (Jesus, 2012, p. 9). A sociedade, especialmente aqueles agentes que possuem poder e prestígio para disseminar valores, que cria e dissemina essas concepções binárias e naturalizadas desde o nascimento do indivíduo até a sua morte, porém a composição da identidade atravessa as questões biológicas evidenciando as identificações sociais. As travestis mostram isso na maneira como narram as formas que encontram de ocupar posições nos espaços que frequentam, seja em casa, na rua, no trabalho, etc.

Contextualizar gênero a partir da perspectiva e diferenciação biológica existente entre homem e mulher traz consigo as transformações nos comportamentos sociais para explicar a construção da identidade. De acordo com Scott (1995), gênero é uma categoria analítica que

inaugurou uma forma de pensar as relações entre homens e mulheres com base na desnaturalização dos sentidos atribuídos às diferenças entre os sexos. Sendo assim, as diversas formas de se pensar na masculinidade e feminilidade acabam por se ampliar e pensar, tornando gênero uma proposição de caráter relacional o que faz pensar uma superação do binarismo.

Para Peres (2009), as relações de gênero participam dos modos de subjetivação considerando as imagens, discursos e sentidos que são construídos nos cotidianos das pessoas, determinando diversas concepções de mundo, de práticas sociais e de relações no espaço geográfico que ocupam. O gênero então aparece como uma construção social sendo desta forma uma teoria plural que visa as diversas formas do que seria masculino e feminino, ou até pensando em outros gêneros possíveis. As travestis aqui presentes nesse artigo como interlocutoras se enquadram nesta concepção, pois são seres que nascem com sexo biológico masculino, porém não se identificam como homens e são atravessados pela identificação com uma determinada concepção de feminino.

Essa combinação de masculino e feminino traça o caminho da travesti e quebra essa relação sobre o que vem a ser sexo biológico, evidenciando gênero como uma identidade a ser representada e evidenciada por cada indivíduo social. Oliveira (2016) afirma que as travestis são pessoas que desafiam a ordem binária imposta pelas relações patriarcais de gênero, naturalizada pela sociedade. Esse processo que elas vivenciam desconstrói essa ordem engessada existente na comunidade, colocando em xeque o que vem a ser gênero.

Acreditamos que pesquisar sobre a vida e cotidiano das travestis, buscando compreender os motivos que levam suas lutas e permanências no bairro Benfica, pode colaborar para que sua cidadania seja colocada na pauta da sociedade atual. Pensar a cidadania plena significa entendermos que vivemos em um mundo plural e diverso. Krenak (2019) sugere que devemos repensar o conceito de humanidade para que possamos criar um mundo onde a cidadania plena possa ser exercida. Ele nos chama atenção de que a ideia corrente de humanidade, desde o Iluminismo, pressupõe que existe uma humanidade esclarecida que precisa “iluminar” os não esclarecidos. Isso pressupõe a definição de uma verdade absoluta, única e imutável que é dominada por parte dos esclarecidos. Outras formas de ver o mundo são negadas e colocadas como transgressão da suposta ordem “correta” que deve ser exercida na humanidade. Esse tipo de perspectiva limita a capacidade inventiva, a existência de novas formas de viver e pensar, assim como elimina qualquer possibilidade de usar o corpo e o território de uma forma diferente. Nesse sentido, criamos oposições radicais

**TRAVESTI, TERRITORIALIZAÇÃO E CORPO: PERFORMANCES NARRATIVAS SOBRE A
RESISTÊNCIA NO BAIRRO “BENFICA”, EM FORTALEZA-CE**

Revista Homem, Espaço e Tempo, n° 18, volume 1, p. 62-81. - ISSN: 1982-3800



entre “eu” e o “outro”, esse último sendo caracterizado como sub-humano por parte do pensamento hegemônico. Oposição que sustentam justificativas para o conflito e para a prática da violência contra o “outro”. A diversidade é negada, o que cria uma lógica perversa de tentativa de padronização do corpo e da subjetividade, conseqüentemente, da territorialização do espaço.

Por outro lado, aqueles que são considerados “outros”, alvos de violência por parte daqueles que entendem a humanidade a partir de padrões rígidos e homogêneos, criam deslocamentos, provocam cada vez mais as estruturas rígidas desse movimento hegemônico de padronização da humanidade, a partir da resistência. Krenak (2019) aponta que a resistência se efetiva da seguinte forma: autonomia da identificação individual e coletiva, expansão da subjetividade e não aceitação do projeto de humanidade única e valorização da diversidade com respeito às diferenças. Nesse sentido é que a cidadania plena vai ser exercida. Por enquanto, reflexões como essas que fazemos aqui, são provocações ou abertura de perspectiva, além de ato de resistência, pois as travestis ainda buscam espaço de reconhecimento social e cidadania plena que esteja pautada no respeito à diversidade, como vamos ver nos depoimentos que selecionamos para o artigo.

Nesse sentido, as transformações urbanas e sociais ocorridas no século XXI trazem novas perspectivas acerca de novas formas de desenvolvimento que perpassam sobre o imaginário das travestis, constituindo assim olhares de certeza e incerteza sobre a relação entre corpo e território.

Azevedo *et al.* (2009) chamam atenção de que o conceito de corpo, em algumas perspectivas da geografia, tende a ignorar que existem sensações, emoções, sentimentos e afetos, chamando atenção de uma suposta passividade nos movimentos de territorialização do espaço geográfico. Os movimentos ativos e transformadores do espaço, a depender da perspectiva, são dinâmicas sociais mais amplas, exteriores, coercitivas e gerais ao corpo individual. O “sentimento de si”, a biografia e a subjetivação da experiência no espaço geográfico, a partir da década de 1970¹ é que passam a ser foco de alguns autores da área, especialmente por parte de pesquisadores que incluem a relação do corpo com a sexualidade e relações de gênero, incluindo outras identificações culturais que se cruzam e que sofrem opressões sociais, pensando o conceito de interseccionalidade.

¹ Gostaríamos de citar outros autores que possuem o mesmo pensamento em relação ao conceito de corpo na década de 70, são eles: Michael Foucault com o livro História da Sexualidade escrito entre 1976 e 1984, Sulamith Firestone com o livro A dialética do sexo em 1976 e M. Bernard com o livro El cuerpo com a edição original francesa em 1976.

Essa definição, segundo Azevedo *et al.* (2009), visa ampliar a discussão sobre o sistema de opressão social, inserindo o gênero em relação com outras variáveis de identificação que se cruzam nesse campo da violência contra o corpo. A classe social, a cor da pele, a etnia, o lugar de moradia, a profissão, dentre outras variáveis, relacionadas ao gênero, complexificam mais a análise da situação dos corpos que, a partir da resistência, tentam encontrar o seu lugar no mundo e no espaço geográfico.

Então, a perspectiva adotada aqui é de que o corpo não é só resultado de dinâmicas históricas e contradições do sistema econômico vigente. Isso também é importante, mas não é a única forma de ver a questão. Na perspectiva adotada aqui, o corpo individual será considerado protagonista e motor do movimento que vai definindo os limites e possibilidade de ocupação do território escolhido como foco de análise. Território esse que carrega o histórico de vivência das agentes travestis em outros territórios que disputaram em suas vidas. Na proposta aqui apresentada, vamos fugir da lógica da indexação do corpo a determinadas paisagens cristalizadas que determinam a subjetividade. Pelo contrário, vamos inverter essa ordem. Entendemos o corpo como produtor de práticas de espaço a partir de subjetivação de experiências construídas com base nas relações entre humanos e não humanos, ou seja, na relação entre pessoas, coisas, ideias, instituições, discursos, instrumentos, lugares, entendendo todos esses elementos como ativos, criando uma sinergia de relações, agências e afetos.

Paiva (2017), com base nas reflexões de Bruno Latour, chama atenção de que essa rede de relações entre humanos e não humanos é importante para descentralizar a ação por parte do ser humano, o qual é um dos actantes da rede. A agência de territorialização do espaço, portanto, é alargada e entendida como fluxos não lineares e plurais de ação, em que o corpo individual é um dos elementos importantes da constituição espacial. O corpo afeta e é afetado pela experiência compartilhada com vários elementos humanos e não humanos.

A afecção, em Spinoza (2009), é resultado da relação ativa com o mundo ao redor. O corpo está conectado com vários elementos, se encontra e se desencontra com outras potências, desejos a agências que promovem movimentos e transformações. O afeto é estímulo que promove mudanças. A performance individual, nesse sentido, é fundamental. Schechner (2006) entende a performance como execução, desempenho, representação da capacidade de realizar alguma atividade, pensando no rendimento, na maneira de agir, no estímulo e na competência do agente. Nesse caso, as performances são reproduções de comportamento restaurados das vivências culturais, mas, ao mesmo tempo, cada uma é diferente da outra, sendo resultado de combinações de porções em número sem fim de

variações. O mesmo indivíduo aciona performances diferentes dependendo do tempo, do espaço e dos actantes que está estabelecendo relações, que, por sua vez, também acionam performances para o contexto de situação da relação. A eficácia da ação performática não é previsível, já que os actantes envolvidos afetam de alguma forma uns aos outros, sem terem segurança absoluta do resultado.

Portanto, a construção da corporalidade está aqui sendo discutida a partir das falas de cinco interlocutoras. Em função dos conflitos inerentes ao território que ocupam, preferiram não gravar as entrevistas e, por isso, o caderno de campo foi usado como fonte da reflexão aqui posta, com anotações de falas registradas no momento do diálogo. Nesse caso, pensando a performance e a afecção, definidas aqui, entendemos a narrativa individual como uma composição pessoal da memória das interlocutoras, parcial, pragmática e que visa causar um efeito de verdade no interlocutor. Por sua vez, o pesquisador edita e dá sentido, de acordo com o que conseguiu captar. Essa edição passa por nova edição no texto final a ser publicado. Por esse motivo, o texto não reflete acontecimentos exatos, mas práticas de fala e de ação no presente, que tentam fundamentar e justificar lembranças fabricadas para o contexto de interlocução. São construções de sentido sobre o acontecimento narrado. Não são mentiras, nem verdades.

Essa opção metodológica de interpretar a narrativa está muito relacionada a um contexto do cotidiano, entendido aqui não mais como o tempo da rotina. É o tempo da criatividade e das agências múltiplas já discutidas aqui. A construção da identidade, nessa temporalidade e nessa opção de interpretação da narrativa proposta, não pode ser mais entendida como um instrumento de mapeamento fixo e estável de representação. Haesbaert e Bruce (2009), baseado em Deleuze, chamam atenção para o conceito de desterritorialização que se aplica nesta discussão. Podemos pensar esse conceito do ponto de vista geográfico como ele faz, mas também pensar do ponto de vista da produção do conhecimento sobre algo, portanto, sobre a memória e a narrativa relacionada à experiência cotidiana. O interessante da filosofia do movimento de Deleuze é perceber que, mesmo em relações de poder e de força, a força minoritária, ou aquela que tem menos força é que provoca o movimento e a transformação. O mais forte na relação quer conservar, a minoria, que tem menos força, anseia por mudança. Ao mesmo tempo, o que tem mais força tem de legitimar sua posição, tendo de negociar diante das pressões dos que possuem o poder minoritário.

O território só é movimento porque é desterritorialização, ao mesmo tempo. Para Deleuze e Guattari (2009), não há território sem um vetor de saída dele, ao mesmo tempo em

que há uma força que tenta territorializar em outra parte ou de outra forma. Isso quer dizer que, ao falar do lugar e de seu vernáculo, a narrativa deve ser entendida como uma agência do desejo sobre o território e sua identidade, a partir de uma potência. Deleuze (1997) entende o conceito de desejo como agenciamento de elementos simbólicos e materiais que se envolvem no contexto do que se quer criar. Não se deseja uma identidade, mas um conjunto que relaciona lugar, posição, interesse e imagem que estão “ao redor” do “ser” desejado e o reforçam. O território é objeto de desejo e de conquista. A territorialização, ou movimento de busca do território desejado, inclui a desterritorialização. Por esse motivo, o termo desterritorialização não precisa ganhar destaque e independência na análise, já que está contido no processo de territorialização.

CORPO E TERRITÓRIO: SÍMBOLOS DA IDENTIDADE TRAVESTI

É preciso compreender primeiramente, na perspectiva das travestis, o que vem a ser a identidade de gênero que atribuem a si mesma, pois em um primeiro momento pode parecer de fácil explicação, já que desde o nascimento, e ao longo da vida, é criada e construída a identidade individual, tendo a influência do espaço social e do tempo que vivem. “Desde pequena eu já me achava diferente dos demais meninos da minha rua, e com o tempo notei que gostava de fazer tudo que as meninas faziam” (Entrevista concedida pela travesti Carnaúba em agosto de 2022).

A sociedade patriarcal e heteronormativa definem os corpos dessas pessoas, que não se entendem como situadas no binarismo de gênero, em gavetas e jogam expectativas a serem cumpridas de acordo com seu sexo biológico. Isso tem repercussão no corpo e na forma como participa da ocupação de lugares como a casa, o ambiente de trabalho ou a rua, onde disputam com os demais um pedaço em que possa ocupar e serem aceitas. Então, a identidade pessoal de gênero será referenciada de acordo com as transformações ao longo da vida e dos territórios que tenta ocupar. É uma construção constante, permeada por conflitos e tensões com os diferentes grupos e instituições com as quais o indivíduo se relaciona, buscando seus lugares próprios nos territórios que circulam.

O liminar, para Turner (1974), é pensado no contexto do conceito de ritual como ocupando uma posição periférica na estrutura social. Por sua vez, segundo o autor, a estrutura social é composta por instituições sociais especializadas que se relacionam de forma interdependente e impõem uma organização de posições de cada ator com papéis sociais mais

ou menos definidos. A liminaridade, nesse contexto, é um tempo e lugar de retiro dos “modos normais” de ação social. É também um período de revisão de valores centrais da cultura em que essa situação liminar ocorre.

Aplicando ao caso analisado, e fazendo uma reflexão que possa pensar mais o movimento do que uma estruturação rígida das relações sociais ampliou aqui a concepção proposta por Turner (1974) sobre o liminar, entendendo que a situação exposta pelas travestis pode ser pensada em função da seguinte proposição: apesar de ainda adotarem termos de classificação social de suas condições, que falam de “menino” e de “menina”, quando pensam a transição, da fase da infância e de gênero, não pensam essa classificação a partir do sexo biológico atribuído no nascimento. Isso quer dizer que os termos são ressignificados e deslocados de um sistema de classificação de gênero que foge do critério de verificação do órgão sexual. Está no campo do desejo, do afeto, no sentido aqui já discutido. Ao mesmo tempo, provoca a reflexão e revisão de valores, contestando reações violentas do pensamento majoritário sobre o tema. Essa violência, para a travesti, como já sinaliza Butler (2019), pode trazer adoecimento mental. Para a autora, entender a vulnerabilidade deve incluir uma posição de resistência ao que é institucionalizado, construindo uma nova gramática de reconhecimento.

Outra interlocutora nos diz o seguinte: “Eu não nasci assim, na infância era uma bichinha; quando fui crescendo pude me tornar essa mulher que sou hoje (risadas), agora sim, me vejo de verdade” (Entrevista concedida pela travesti Urucum em setembro de 2022). Desse modo, o gênero então vai estar relacionado com as experiências humanas, pois não se nasce homem ou mulher. Ao longo da vida se aprende e se busca sua própria identificação relacionada ao gênero, não confundindo a noção com o sexo biológico, complexificando assim as construções sociais do binarismo. “Comecei a me montar assim aos 16 anos, porém só consegui ter esse cabelão e as próteses, quando cheguei aqui em Fortaleza” (Entrevista concedida pela travesti Aroeira em setembro de 2022).

Essa oposição entre sexo e gênero nos permite verificar que o segundo elemento está imbricado a partir de ressignificações culturais e sociais sobre um corpo sexuado. “Eu precisava me transformar, precisava me olhar no espelho e me ver mulher, ainda não sou aquilo que desejo mais aos poucos chego lá” (Entrevista concedida pela travesti Urucum em setembro de 2022). Então, sexo e gênero passam a serem conceitos distintos, pois o primeiro é visto como algo imutável e não depende do gênero.

Quando me vi toda montada no espelho pela primeira vez fiquei encantada, era outra pessoa ali. Logo de cara percebi que agora poderia ser eu mesma, aquele boyzinho afeminado tinha ficado para trás e surgiu um mulherão (risadas) de cabelo longo, seios grandes e bunda farta (Entrevista com a travesti Aroeira em setembro de 2022).

As travestis, então, se caracterizam como indivíduos que nascem com o sexo biológico masculino, mas que ao longo da vida não se identificam com essa aparência física e constroem uma identidade de gênero feminina. “Me descobri travesti faz 10 anos, foi difícil me tornar o que sou hoje, amo minha aparência e me vejo como uma mulher completa que possui pequenos traços masculinos (risada)” (Entrevista concedida pela travesti Jatobá em novembro de 2022). A liminaridade, portanto, provoca incômodo em alguns segmentos sociais, já que a visão majoritária ainda é binária. A provocação nessa situação é necessária para repensar a visão majoritária binária. As reações são diversas, mas é muito comum a violência contra essa provocação e demonstração de resistência.

Correr riscos é algo existente e corriqueiro na vida das travestis. Para se construir e caracterizar suas identidades é preciso desconstruir os padrões masculino e feminino para se operacionalizar suas performances. “Quando cheguei aqui em Fortaleza ainda era muito fresca, não entendia as normas da vida. Foi através das meninas que aprendi a performar” (Entrevista concedida pela travesti Urucum em setembro de 2022). São indivíduos que provocam ao não se enquadrar no sexo masculino e, a partir de seus trejeitos, modo de falar e vestimenta, se enxergam dentro do feminino. “É uma vida que muda sempre, pela manhã estou desmontada e a noite viro esse mulherão de cabelo feito, unhas pintadas e roupa curtinha” (Entrevista concedida pela travesti Aroeira em setembro de 2022).

Isso causa certos transtornos na vida pessoal nos vários territórios que ocupa. Dentro de casa, por exemplo, “Desde pequena tive que me conter por causa da minha família, ainda mais pelo meu pai e irmão que nunca aceitaram o meu jeito feminino de ser” (Entrevista concedida pela travesti Jatobá em novembro de 2022). Essas provocações e desconstruções, muitas vezes são incompreendidas pela família, tornando complexa a aceitação das travestis no espaço familiar. “Meu pai quando descobriu que eu fazia programa e me montava me deu uma surra e me colocou para fora de casa, desde desse dia nunca mais falei com ele” (Entrevista concedida pela travesti Carnaúba em setembro de 2022). Com essas relações de gênero que não se emolduram no padrão, elas são excluídas de alguma forma.

Vida de travesti não é fácil viu, a gente já sofre o primeiro golpe quando pequena pela família e ainda mais sendo do interior como eu era. Eu já sabia o que eu queria ser, mas tinha muito medo do meu pai e dos meus irmãos, então fui tentando esconder aqui e ali até que chegou um dia que as fofocas chegaram à minha casa. Um dia meu pai me pegou se prostituindo toda montada (montação tão feia mona, risadas) então ele me deu uma surra, me deixou fazer uma mochila e me colocou para fora de casa, foi uma sensação de dor e alívio ao mesmo tempo, não sei explicar bem (Entrevista concedida pela travesti Jatobá em novembro de 2022).

Sem o apoio familiar e sem reconhecimento pela sociedade, as travestis se encontram sozinhas e isoladas, sendo a rua o único local de aceitação, refúgio, sobrevivência e até profissão. “Quando saí da minha cidade no interior e vim parar aqui em Fortaleza no Benfica, sabia que minha vida não seria fácil, mas também sabia que agora eu poderia ser eu mesma” (Entrevista concedida pela travesti Jatobá em novembro de 2022). Nesse contexto, a rua que vai ser o seu local de trabalho como meio de sobrevivência através da prostituição e uso do corpo. “A esquina daqui é o único meio para ganhar dinheiro e me manter, aqui posso me transformar e performar” (Entrevista concedida pela travesti Buriti em dezembro de 2022).

Para a maioria delas, a prostituição é uma das únicas opções de atuação profissional, pois a falta de escolaridade, diante da recusa de boa parte das escolas, não as aceitando enquanto travestis, a falta de oportunidades nos demais campos de atuação profissional, que também não as aceitam, faz com que tenham essa única alternativa: vender o seu próprio corpo transvestido. “Queria ter uma loja de flor, adoro plantas! Só que preciso voltar a estudar né, não terminei nem o segundo grau então, por enquanto, o que me resta é a prostituição” (Entrevista concedida pela travesti Aroeira em setembro de 2022).

O corpo aqui se revela como ferramenta de afirmação do gênero das travestis, pois apresenta esse poder de identidade instituído pela cultura dando-lhe sentido. Ele também é instrumento de resistência e provocação contra as forças majoritárias, acionando performances que lutam por ocupar os territórios que frequentam. “A gente que mora ali na pensão se ajuda sempre, e quando as mais novas chegam a primeira coisa que as mais experientes falam é para mudar o corpo, ‘deixar ele’ mais feminino” (Entrevista concedida pela travesti Carnaúba em agosto de 2022). As travestis aqui entrevistadas propõem a construção de símbolos femininos para moldar seus corpos. A pensão onde moram, se torna o lugar próprio delas, o que requer regras definidas por elas para se apresentarem como pertencentes ao lugar. Ao chegar, é acionada uma pedagogia para disciplina do corpo, enquanto travesti, e uma série de técnicas corporais para que a performance seja adequada ao que se entende enquanto travesti.

A linguagem corpórea é de extrema importância para esses indivíduos, pois traz práticas e efeitos sociais e culturais do seu cotidiano e das suas experiências. “Meu corpo é tudo pra mim, nem consigo reconhecer mais aquele gayzinho de tempos atrás (risada), com ele eu me sinto mais viva, mais mulher e mais atraente” (Entrevista concedida pela travesti Jatobá em novembro de 2022). É a partir do corpo que as travestis irão buscar seu pertencimento e significado no feminino e no masculino, territorializando o espaço geográfico que ocupam.

O físico e simbólico aqui não se separam, pelo contrário, trabalham em harmonia. “Gostaria muito de colocar boca agora, virou moda né (risada), isso ia me dar mais dinheiro e me deixar mais bonita” (Entrevista concedida pela travesti Aroeira em setembro de 2022). A travesti não se constrói apenas pelo silicone, cabelo, maquiagem e unhas, mas também pelo afeto, performance, desejo, sonho e vontade. “Meu sonho era construir uma casinha para minha mãe lá no interior, aos poucos estou conseguindo, agora quero mesmo ir era para São Paulo, as monas me dizem que lá faz dinheiro” (Entrevista concedida pela travesti Aroeira em setembro de 2022). Assim, os gestos e comportamentos peculiares se fazem presentes na arte de performar desses sujeitos, como práticas e valores sociais. “A gente tem nossa gíria própria, nossa forma de falar e agir, isso eu vejo que é só nosso, as meninas aqui tudo se conhece assim” (Entrevista concedida pela travesti Buriti em dezembro de 2022).

Outra travesti fala que: “Pra ficar com esse corpo é preciso juntar muito dinheiro, comecei a tomar hormônio cedo então ajudou um pouco, mais o resto foi no clandestino” (Entrevista concedida pela travesti Urucum em setembro de 2022). As modificações corporais integram a coerência própria da travesti, possibilitando diversas formas de existência. “A gente passa por cada coisa para se sentir bela e desejada, quando coloquei esses peitos foi sofrido, a cada grito que eu dava eu pensava na minha imagem de mulher depois” (Entrevista concedida pela travesti Carnaúba em agosto de 2022). A dor da beleza é necessária para que possam se sentir vivas plenamente na construção do seu feminino.

Carnaúba lembra que: “Trabalhar a noite é muito perigoso, eu ando sempre com um pedaço de madeira com prego que deixo atrás do poste, os carros passam e jogam pedra na gente, latinha de cerveja, até fruta podre já jogaram” (Entrevista concedida pela travesti Carnaúba em agosto de 2022). São corpos também marginalizados, expostos à violência que se inicia desde muito cedo, na infância, e percorre toda a sua trajetória de vida. Corpos que são negados pelas diferentes instituições sociais, e que muitas vezes só conseguem abrigo e proteção nas redes de apoio e amizade entre as outras travestis ou, muitas vezes, pela

cafetinagem. “Aqui no albergue todo mundo se ajuda, somos irmãs, a gente briga de vez em quando (batida de palmas), mas, no final, a gente se acerta” (Entrevista concedida pela travesti Urucum em setembro de 2022). Corpos como objetos e esculturas do prazer, mas também vistos nas brutalidades, preconceitos e hematomas cotidianamente sofridos.

Urucum fala que: “As regras aqui são simples, as mais novinhas que ainda têm corpo de boy cuidam da casa e fazem poucos programas” (Entrevista concedida pela travesti Urucum em setembro de 2022). O corpo também é tratado como uma relação de poder que ajuda a gerar hierarquias e regras internas, onde aquelas travestis mais femininas e jovens possuem papel de destaque, enquanto as outras ficam com a função secundária. “Quanto mais mapoa você for, mais pontos você ganha, então todas aqui querem ficar femininas o mais rápido possível” (Entrevista concedida pela travesti Urucum em setembro de 2022). As singularidades corpóreas são moldadas de acordo com as regras e disciplinas daquele determinado grupo no lugar geográfico que ocupam.

Assim, as transformações corporais se expressam no lugar também como formas de resistência a um sistema heteronormativo padrão. “A gente não tem muitos direitos na verdade, a rua é nossa morada de sobrevivência e nosso corpo acaba por ser a maior realização da vida, com ele eu me vejo uma mulher completa” (Entrevista concedida pela travesti Jatobá em novembro de 2022). Assim, realiza-se uma confrontação aos modelos engessados de gênero para afirmar novos processos de existencialização nos territórios que disputam.

A corporalidade aparece como constituição e construção da identidade travesti, pois as mesmas se sentem realizadas a partir do momento que se enxergam e se reconhecem dentro da estética feminina. “Na minha cidade eu ainda não estava completa, quando cheguei aqui e fiz meu corpo aí sim me vi como uma travesti, como uma mulher, comecei a me reconhecer desde então” (Entrevista concedida pela travesti Buriti em dezembro de 2022). Destarte, a percepção da superação da arbitrariedade que sofriam no lugar de origem é percebida com a mudança de lugar e é encarada como resistência contra o preconceito que sofriam para esses sujeitos.

A busca e desejo por um corpo perfeito criam altas expectativas nas travestis em busca de suas marcas ideais performáticas. “A gente faz o que é preciso pra se sentir mais mulher, o silicone é nossa segunda pele e toda travesti precisa dele para se sentir linda” (Entrevista concedida pela travesti Urucum em setembro de 2022). Nesse contexto, utilizam de uma série de artifícios e truques para produzir o tão sonhado corpo desejado. Nesse caso, a

territorialização e a busca pelo lugar próprio da travesti na sociedade começam pelo seu próprio corpo.

Outras dimensões da territorialização aparecem nas ruas, envolvendo o tempo da noite, quando a atividade profissional acontece. “À noite nas esquinas ficam os boys de moto passando e vigiando, é nossa segurança né” (Entrevista concedida pela travesti Urucum em setembro de 2022). As travestis que fazem programa não estão isoladas na sua dinâmica territorial e esta tem uma história que vem desde o abandono familiar, a transfobia nas escolas, a opressão do Estado e da sociedade. “Minha família não me aceita, apenas minha mãe, na escola fui muito humilhada e desisti e aqui no bairro o povo mal olha na nossa cara” (Entrevista concedida pela travesti Aroeira em setembro de 2022).

A territorialidade aparece aqui como uma habilidade do grupo de se manter presente, controlar as relações e exercer seu poder sobre os indivíduos e sobre aquela área geográfica, se agrupando, para valorizar e demarcar o seu lugar, mas ao mesmo tempo, disputando o território com outros grupos e pessoas que não as aceitam. “Os pontos aqui quem comanda e domina somos nós, cada uma fica em uma esquina sem mexer com a outra e pronto” (Entrevista concedida pela travesti Carnaúba em agosto de 2022). A interdição socioespacial é quem vai gerar a construção desses territórios, pois é o lugar que as travestis podem apropriar-se socialmente e defender. “O pessoal daqui do bairro não gosta muito da gente, mais nossa forma de sobreviver é nas ruas e a gente faz isso com orgulho” (Entrevista concedida pela travesti Carnaúba em agosto de 2022).

Carnaúba lembra que: “É um bairro tranquilo sabe, têm as motos passando como seguranças, as ruas são movimentadas e aqui que me transformei no que sou hoje, minhas alegrias, tristezas, vitórias, medos e angústias fazem parte desse local” (Entrevista concedida pela travesti Carnaúba em agosto de 2022). Elas, portanto, tentam construir lugares de segurança e vivência do cotidiano que fazem com que as travestis criem seus laços de identidade. “A polícia sempre passa por aqui, mas não faz nada, só olha, ri e às vezes xinga a gente” (Entrevista concedida pela travesti Aroeira em setembro de 2022). Ademais, são marcadas por vários tensionamentos, desde a cafetinagem, as disputas por clientes, por uma esquina rentável chegando até às opressões e violências cometidas pelos moradores locais, transeuntes e as abordagens policiais.

Fica evidente essa relação de mutualidade entre o ser travesti e o território, já que elas criam laços de afetividades e instituem a existência identitária. “É um bairro tranquilo e calmo sabe, aqui que me fiz travesti e conheci minhas irmãs de rua também. A gente faz nossa

ferveção aqui!” (Entrevista concedida pela travesti Urucum em setembro de 2022). O território também cria laços de sentimento e pertencimento produzindo assim significados.

Tem uma lanchonete em frente ao albergue, as bichas tão sempre por lá, o dono é um velhinho e ele nem liga com a gente lá. Aqui no bairro tem um shopping, porém não frequento muito, pois as pessoas ficam olhando e isso me incomoda. Tem uma mercearia ali do outro lado da rua que a gente compra algumas coisas, mas mercantil mesmo a gente pede alguém para comprar. O único espaço que é nosso de verdade é quando a noite chega, aí saímos pra pista e ali nos sentimos dona do pedaço (risada) (Entrevista concedida pela travesti Carnáuba em agosto de 2022).

Vale destacar que o pertencer, para as travestis, ganha uma dupla acepção, pois o ato de territorializar vai se caracterizar como pertencer a um determinado espaço e ao mesmo tempo como área que lhes pertence e precisam proteger. “O andar para nós vai depender do turno do dia, pela manhã ficamos trancafiadas em casa e à noite ganhamos nossa liberdade para bater o ponto nas esquinas” (Entrevista concedida pela travesti Urucum em setembro de 2022).

A mobilidade das travestis perpassa o cenário local, e o território passa a ser também descontínuo perpassando pelos códigos sociais e morais das travestis que se conectam de forma multiescalar para reivindicar os seus espaços. “Não ficamos sós aqui, passamos temporadas em São Paulo e em Santa Catarina; vai depender muito da nossa clientela, do nosso corpo e principalmente da nossa idade” (Entrevista concedida pela travesti Jatobá em dezembro de 2022). O território nunca estará completo e acabado, vai permanecer sempre em processamento, por isso o poder sempre será praticável para determinar as relações de interdependência desigual entre travesti, clientes e cafetina. Sobre a cafetinagem, Carnáuba fala que: “Não é um assunto que gostaria de entrar, a gente não fala muito sobre isso, deixamos guardado e de lado” (Entrevista concedida pela travesti Carnáuba em agosto de 2022). Aqui constatamos que o conteúdo sobre cafetinagem não é algo que as travestis desejam falar, talvez por medo ou pressão da própria cafetina do bairro. Por ser uma relação criminalizada, o segredo e a proteção são fundamentais para preservar a única fonte de renda.

Os territórios passam então a ser encarados de forma ambígua, quando se tornam lugares das travestis e da prostituição de seus corpos: ao mesmo tempo são “condenáveis” em função de serem ocupados pelas travestis, assim como são lugares próprios que resguardam segredos, práticas próprias das travestis, desejos, potências e afetos. O tempo também carrega ambiguidades: o dia é entendido pelas travestis como opressor da vida social, já que não podem sair para vários lugares, correndo o risco de serem violentadas simbolicamente ou até

fisicamente, mas as libertam dos perigos da noite, que também é visto como tempo da liberdade e construção de solidariedades. Buriti diz que: “É engraçado e triste, ao mesmo tempo, como as coisas funcionam pra gente, se saímos na rua de manhã somos tratadas como animais e quando saímos a noite nos sentimos rainhas” (Entrevista concedida pela travesti Buriti em dezembro de 2022). A rua deixa de ser vista apenas como um local de passagem e para as travestis passa a significar território de significados múltiplos, envolvendo medo, tensão, violência, liberdade, desejo e alegria.

Sobre as ambiguidades do tempo e do território que ocupam, Jatobá fala que: “A gente se ajuda em um por tudo, é violência, é xingamento, é risada, mas a gente enfrenta tudo viu. Não tenho vergonha de ser travesti, meu corpo fala por mim sempre, é meu escudo” (Entrevista concedida pela travesti Jatobá em novembro de 2022). O corpo aqui se faz onipresente no território, pois marca na pele as violências sofridas pelas travestis cotidianamente. Carnáuba lembra que: “Cada bicha aqui tem uma história para contar, não é nada fácil ser travesti em Fortaleza, é cada situação humilhante que a gente passa e mesmo assim resistimos” (Entrevista concedida pela travesti Carnáuba em agosto de 2022). O corpo então ganha conectividade com a política no processo de territorialização quando se traz a disputa a partir dos mais variados marcadores sociais.

CONCLUSÕES

É importante entender que a narrativa sustenta seu argumento no desejo do presente, selecionando do passado aquilo que justifica a sua fala sobre o que pensa ser hoje. Diante disso, constatamos uma narrativa que esbarra em um paradoxo: ao mesmo tempo tenta romper com o binarismo, e se classifica usando-o quando fala que “... gostava de fazer tudo o que as meninas faziam”. Nesse caso, não parece fugir da oposição entre ser “menino” ou “menina”. A narrativa precisa ser justificada também no tempo, quando remete aos desejos de infância. O presente e as tensões vividas pela travesti criam a linha do tempo da narrativa e mostram o paradoxo vivido hoje. Ao mesmo tempo, revelam um desejo de transformação dessa imposição de identificação atribuída pela concepção binária, jogando com ela, mesmo que a classificação construída seja liminar.

Essa transitoriedade complexa coloca em xeque a heteronormatividade. Dessa forma, o ser travesti quebra esses paradigmas do óbvio sobre o sexo biológico e cria através da intervenção no seu corpo e na performance, disputando espaço nos territórios que tenta

ocupar, sua identidade, a partir da subjetivação do desejo e da potência que possui. É uma identidade fluida, também pautada no conceito de desejo, da forma como já definido aqui, com base em Deleuze (1997), não definitiva, que acompanha a complexidade de ser divergente das formas majoritárias, de se definir o gênero a partir de agências de afecção no território que ocupam.

Conseguimos entender, até o momento, a respeito das travestis entrevistadas, que as mesmas se desdobram perante as adversidades e opressões sofridas para sobreviverem, territorializando o espaço geográfico, disputando e protegendo lugares que entendem ser próprios delas. No decorrer de suas vidas, as oportunidades de trabalho que lhes são oferecidas beiram o desumano e a precariedade, como elas mesmas chamam a atenção. Porém, mesmo assim, tentam viver com dignidade e orgulho, pois assim conseguem se afirmar enquanto sua identidade de gênero e resistir.

Observamos que os seus territórios são formados por lutas diárias, desbravando o ideal de pertencimento simbólico e físico em cada local onde seus corpos passam e ocupam. Suas histórias nos auxiliam a compreender suas transformações. A dor marca suas memórias e a perseverança faz parte das suas batalhas.

Evidenciamos que os espaços que deveriam figurar como significativos na vida das travestis como família e escola, se tornam locais de exclusão e preconceito. Sendo assim, a capacidade de construção do ser travesti perpassa pelo gênero, corpo e território, é o seu modo de ser quem vai ditar suas percepções.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. F. *et al.* **Geografias do corpo**: ensaios de geografia cultural. Porto: Figueirinhas, 2009.

BUTLER, J. **Corpos que importam**. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019.

DELUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2009.

HAESBAERT, R.; BRUCE, G. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. *Revista GEOgraphia*, v. 4, n. 7, p. 7-22. Rio de Janeiro, 21 set. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13419>. Acesso em: 22 jan. 2023.

TRAVESTI, TERRITORIALIZAÇÃO E CORPO: PERFORMANCES NARRATIVAS SOBRE A RESISTÊNCIA NO BAIRRO “BENFICA”, EM FORTALEZA-CE

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 18, volume 1, p. 62-81. - ISSN: 1982-3800



JESUS, J. G. de. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos.** Guia técnico sobre pessoas travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília: Autor, 2012. Disponível em: <https://www.diversidadesexual.com.br>. Acesso em: 23 jan. 2023.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OLIVEIRA, T. L. **Meu corpo, um campo de batalha:** a inserção precária das Travestis no mundo do trabalho em tempos de crise capital. 2016. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal, 2016. Disponível em <https://acervo.ufrn.br/Record/ri-123456789-22425>. Acesso em: 23 jan. 2023.

PAIVA, D. Teorias não-representacionais na geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. 52, n. 106, 2017. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/10196>. Acesso em: 22 jan. 2023.

PERES, W. S. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação:** problematização sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009. pp. 235-263. Disponível em: https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume32_diversidade_sexual_na_educacao_problematizacoes_sobre_a_homofobia_nas_escolas.pdf. Acesso em: 25 jan. 2023.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade** v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/7172>. Acesso em: 22 jan. 2023.

SCHECHNER, R. What is performance? In: **Performance Studies:** an introduction. 2. ed. Londres: Routledge, 2006.

SOARES, A. S. F. A construção da identidade sexual: travestis, a invenção do feminino. **Revista EID&A**, v. 2, n. 1, pp. 05-14, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/396> Acesso em: 22 jan. 2023.

SPINOZA, B. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TURNER, V. **O processo ritual. Estrutura e anti-estrutura.** Petrópolis: Vozes, 1974.